

# A INFLUÊNCIA DE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS NA AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

MIRANDA Lília Soares  
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG  
liliasoaresmi@gmail.com

**RESUMO:** Neste estudo apresenta-se resultados de estudos anteriores, bem como do nosso trabalho realizado no município de Pedro Leopoldo/MG<sup>1</sup>, acerca da concordância nominal no português falado em diversas regiões do Brasil, registrados nos estudos de Braga (1977), Scherre (1998); Carvalho (1997); Andrade (2003) e Wagner (2004). Estes estudos são baseados nos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994).

**Palavras-chave:** sociolinguística; concordância nominal; variação; mudança linguística.

## 1. Introdução

Neste estudo, analisamos a variável linguística constituída da presença e da ausência de concordância nominal entre os elementos do sintagma nominal (SN) no português falado em diversas regiões do Brasil, especificamente na fala de Pedro Leopoldo/Minas Gerais, com base nos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994).

Essa proposta se justifica pelo seguinte: (a) a língua portuguesa apresenta mecanismos de flexão de gênero, de número e de pessoa; (b) de acordo com a Gramática Tradicional, a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase; (c) segundo CUNHA & CINTRA (1985), a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos ao quais se vinculam; (d) porém, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português falado no Brasil (doravante, PB) apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ausência de concordância nominal de número (doravante, ACN), que vem sendo objeto de estudos tanto dialetológicos quanto sociolinguistas.

---

<sup>1</sup>Dissertação de mestrado intitulada – *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem Variacionista* ; defendida em 2010 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup> Eunice Maria das Dores Nicolau.

## 2. Ausência de Concordância Nominal: Resultado de Atuação de Regra Variável

Nos estudos sociolinguistas, a regra de concordância nominal entre os elementos flexionais do sintagma nominal é tratada como uma regra variável; ou seja, uma regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de determinados grupos de fatores. Entre esses grupos de fatores, três, de caráter linguístico, têm se mostrado importantes:

- 1) A posição linear que o elemento *ocupa* no SN (ex: **primeira posição** – *as perna toda marcada*; **segunda posição** – *todas as casas*);
- 2) A classe gramatical do elemento (ex.: **substantivo** – *problemas assim maiores*; **quantificador** – *todos os anos*); e
- 3) A natureza das marcas precedentes (ex: **numerais** – *passou QUINZE dias, passou QUINZE dias, ele foi lá no bar*; **presença de marca formal na primeira posição** – *porque ele traziam BOIS mais bravo.*)

Braga (1977), dando prosseguimento a estudo anterior (BRAGA & SCHERRE, 1976) e adotando o modelo sociolinguístico proposto por Labov (1972) analisa esse fenômeno – a concordância nominal entre os elementos flexionáveis no SN, considerado como regra variável no PB – na fala de sete moradores do Triângulo Mineiro, todos da mesma faixa etária (de 15 a 20 anos), pertencentes às classes sociais média e baixa, com escolarização de Ensino Fundamental e Ensino Médio incompletos. A autora considera a possibilidade de o fenômeno estudado refletir influência de quatro variáveis linguísticas (presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado; natureza fonológica do contexto seguinte; posição que o elemento ocupa no SN; grau de saliência fônica na oposição singular/plural) e duas variáveis extralinguísticas (grau de formalismo da gravação e classe social dos falantes).

Os resultados relativos à atuação desses fatores linguísticos e extralinguísticos encontrados nessa análise são apresentados a seguir:

- 1 - quanto à variável presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, a variante elemento anterior não-flexionado apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância de número no SN do que a variante elemento anterior flexionado;
- 2 - a respeito do grupo de fatores natureza fonológica do contexto, Braga (1977, p. 81) conclui levantando a seguinte hipótese: — é provável que, além do contexto fonológico seguinte, deva-se considerar a natureza fonológica do contexto imediatamente anterior ao /S/ e posição da sílaba tônica no elemento considerado, ao se estudar o cancelamento do morfema de plural.
- 3 - quanto à variável linguística posição linear do elemento no SN, denominada distância, a autora concluiu que: —os falantes da classe baixa e média apresentam uma probabilidade mais elevada na aplicação da regra na primeira posição com um declínio progressivo nas segunda, terceira, quarta e quinta posições (BRAGA, 1977, p. 58-59); e
- 4 – no que se refere ao grupo de fatores saliência fônica, obedecendo a escala de diferenciação material fônica em quatro níveis (inserção de -S e mudança silábica; inserção de -ES em palavras terminadas em R; inserção de -S em palavras de plural regular; inserção de -ES em palavras terminam em -S), Braga (1977, p. 75) mostra que: os resultados desse estudo com os falantes de classe média estão de acordo com o princípio saliência; ou seja, as formas mais salientes e, conseqüentemente, mais perceptíveis, são mais marcadas que as menos salientes, entre os falantes da classe média. Já os falantes da classe baixa não tiveram o mesmo desempenho, apresentando apenas uma oposição binária; ou seja, inserção de -S em itens terminados em -S, desfavorecendo a aplicação da regra de plural nos demais itens da escala de diferenciação material fônica.

O grupo de fatores grau de formalismo, conforme Braga (1977), não exerceu forte influência nos falantes da classe baixa, tendo sido mais relevantes os resultados da classe média. De acordo com essa pesquisadora, há uma considerável distância, em termos estatísticos, entre os valores obtidos pela classe média, em relação aos da classe baixa; ou seja, os falantes da classe média apresentam desempenho linguístico que se aproxima mais da norma de prestígio do que os falantes da classe socioeconômica baixa.

Scherre realizou diversos estudos sobre a concordância nominal no PB. Destacamos, aqui, Scherre (1996), que trata da influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português; nesse trabalho, a autora analisa esse fenômeno arregimentando contribuições de vários autores: Cedegrem (1973) e Poplack (1980), no Espanhol; Braga (1977) e Guy (1981b), no PB, com amostras de fala, considerando que as marcas formais de plural puderam ser encontradas:

- 1 – em todos os elementos do SN (*os nossos direitos, os meus pais; essas coisas todas*);
- 2 – em alguns de seus elementos (*essas coisas toda, do meus colegas; as condições financeira*);
- 3 – em apenas um de seus elementos (*as perna tem feita, aquelas empada bem grandinha, essas coisa toda*);
- 4 – em SNs sem nenhuma marca formal explícita de plural, exemplo: quando o primeiro elemento é um numeral cardinal (*sete salário mínimo*); e
- 5 – quando há um SN complexo com carga semântica de plural (*uma porção de peixinho colorido*) que determinaria a marca formal de plural nos elementos do SN encaixado.

As construções analisadas pela referida autora foram extraídas do banco de dados do *Corpus Censo*. Esse banco de dados é constituído por 11.086 (onze mil e oitenta e seis) dados extraídos de entrevistas de 48 (quarenta e oito) falantes adultos.

Scherre (1996), discordando da correlação sugerida por Guy (1981b), desenvolve uma abordagem analítica que considera esses três fatores (posição linear, classe gramatical, marcas precedentes) separadamente, e, procurando verificar todas as suas interrelações, propõe uma análise que considera esses três fatores transformados em apenas dois, quais sejam: 1) relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição linear dos elementos nucleares no SN; e 2) marcas precedentes em função da posição.

De acordo com os resultados obtidos por Scherre, em relação às classes não-nucleares, foi possível observar que:

- 1) todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independente da posição que ocupam no SN, são muito marcados; ou seja, o menor percentual é de 91%; e que
- 2) relativamente aos antepostos, todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são menos marcados.

A autora considera que a relação entre a classe gramatical e a posição, em relação aos elementos não-nucleares, deve ser vista por meio da distribuição desses elementos ao redor do núcleo, sem importar nem a classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN.

Segundo Scherre, surge uma segunda questão: a posição linear isolada mostra-se importante apenas com relação aos elementos nucleares do SN; isso é interessante, à medida que é possível verificar-se que: 1) categorias substantivadas se comportam, em termos de hierarquia, da mesma forma que os próprios substantivos; ou seja, são mais marcados na terceira do que na segunda posição; e 2) pronomes pessoais, embora apresentem percentagens de marcas de plural mais altas do que os substantivos evidenciam, como aqueles, maior número de marcas na primeira do que na segunda posição, conforme dados da Tabela 3.

Assim, ela propõe transformar os dois fatores sob discussão em um só, denominado: relação entre os elementos do SN. Dessa análise, conclui que:

1) as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas; ou seja, não é o adjetivo que é pouco marcado, mas o adjetivo posposto. Nem é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto, razão pela qual, segundo Scherre, afirmar que a primeira posição do SN é mais marcada não é, portanto, adequado; e que

2) os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira, são sempre mais marcados do que na segunda; dessa forma, ela refuta as conclusões de que o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas, embora Poplack (1980) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição.

O fator marcas precedentes e posição linear, segundo Scherre, foi considerado por estudiosos que analisaram a concordância nominal no PB e por Poplack (1980), para o Espanhol, conforme apresentado acima. O objetivo da autora é retomar esse fator de forma análoga à de Poplack (1980) e mostrar que o Português Brasileiro e o Espanhol apresentam mais semelhanças do que diferenças. Assim, analisa esse fator para o Português do Brasil e verifica que ele não foi analisado adequadamente, porque os estudos realizados apresentam resultados não interpretados; ou seja, exibem explicações *ad hoc* e diferentes, para resultados idênticos.

De acordo com os resultados obtidos dessa análise, Scherre conclui que: à exceção dos fatores ausência fora do SN e zero na primeira posição, que favorecem, respectivamente, marcas na primeira e na segunda posição, todos os demais fatores a levam a uma conclusão consistente de que: marcas levam a marcas e zeros levam a zeros. O núcleo semântico formalmente marcado ou seguido de marca formal favorece a inserção de marca formal no segmento analisado (0,74), como núcleo semântico formalmente não-marcado ou seguido de um elemento não formalmente marcado favorece a forma zero seguinte (0,41). Dessa forma, segundo ela, não são necessárias explicações *ad hoc*.

Por fim, Scherre conclui que o fator posição isolada dos fatores marcas precedentes e da classe gramatical não dá conta do fenômeno linguístico em estudo, na sua totalidade. Dessa forma, corrobora sua hipótese de que a melhor análise para esse fenômeno é, portanto, a que considera esses três fatores agrupados em dois: 1) marcas precedentes em função da posição; e 2) relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN. Scherre considera essa análise melhor, porque dá conta de descrever, mais adequadamente, a influência dos fatores classe gramatical, posição e marcas precedentes transformados em dois, por meio do cruzamento entre eles.

A concordância nominal também é focalizada por Carvalho (1997), que busca verificar se a concordância de número no SN na língua falada, na área urbana de Rio Branco, no Acre, comporta-se como sincronicamente variável. Além disso, demonstrar se a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos do SN correlaciona-se com um elenco de variáveis linguísticas: posição do elemento no SN, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético e fonológico seguinte, assim como saliência fônica, subdividida em três dimensões: processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares, números de sílabas dos itens lexicais singulares.

Quanto às variáveis sociais, a autora analisa: sexo, grau de escolarização e grau de formalismo do discurso, e analisa amostras de fala de 24 informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino, pertencentes à mesma faixa etária (20 a 35 anos), a classe social de baixa renda, e distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> e de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries.

De acordo com os resultados por ela obtidos, a saliência fônica, cujo pressuposto básico é o de que —as formas mais salientes e, por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Por outro lado, quanto à dimensão tonicidade, analisada isoladamente, a autora conclui que não é eficaz para refletir a realidade linguística

dos fatos, uma vez que os resultados apresentam discrepância entre os índices percentuais e os pesos relativos, indicando, segundo ela, má-distribuição dos dados. Quanto à dimensão número de sílabas do item lexical singular, sua pesquisa corrobora sua hipótese de que os itens lexicais com mais de duas sílabas têm mais chance de receber marca de plural do que os dissílabos e os monossílabos. Assim, afirma que o princípio da saliência fônica atua mais fortemente sobre a dimensão processos morfofonológicos de formação de plural.

Já o desempenho das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes, de acordo com Carvalho (1997), mostra-se bastante interrelacionado. A variável posição, analisada isoladamente, evidencia que a primeira posição é quase categoricamente marcada, ocorrendo um decréscimo muito acentuado na segunda posição, corroborando, assim, hipóteses dos estudos anteriores. A classe gramatical, em relação à posição dos elementos no SN, demonstra que os determinantes são mais marcados nas duas posições e o processo comparativo entre os adjetivos e substantivos revela que os primeiros são ligeiramente mais marcados que os segundos, nas duas posições.

Quanto à variável marcas precedentes, de acordo com os resultados, a autora aponta inexistência de correlação com a inserção de marcas formais de plural no SN. Ela ressalta que essa variável não foi considerada estatisticamente relevante para o estudo da concordância de número no SN. Além disso, ela considera que o cruzamento das variáveis posição com tonicidade, número de sílaba, classe gramatical e marcas precedentes apresentam resultados bastante interessantes, evidenciando uma tendência de que a marca formal de plural ocorre no primeiro elemento do SN, talvez, devido à relevância para o processamento da informação. Em se tratando da variável contexto fonético/fonológico seguinte, verificou-se que ela não foi selecionada pelo programa.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, Carvalho (1997) verificou que a variável grau de escolarização correlaciona-se fortemente com o fenômeno estudado, porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social. Além disso, constatou que a regra ora estudada funciona de modo consistente em cada subgrupo de informantes, considerando que os percentuais exibidos por esses subgrupos são quase homogêneos. Segundo Carvalho (1997), as raras exceções observadas parecem se explicar pelos diferentes papéis sociais que o informante desempenha na sociedade. A variável sexo, de acordo com os seus resultados, não confirma sua hipótese de que as mulheres se aproximam mais da norma culta do que os homens, uma vez que esses demonstram maior propensão para o uso das formas consideradas mais —corretas‖ do que as mulheres, ressaltando que tal resultado está relacionado, provavelmente, ao engajamento deles no mercado ocupacional.

Esse mesmo assunto – a ausência de concordância nominal – foi retomado por Andrade (2003), com a utilização de dados de informantes de Tubarão, Sul de Santa Catarina, e de São Borja, Rio Grande do Sul. Os dados desse último município foram extraídos do Banco de Dados de fala do Projeto VARSUL,

Andrade (2003) utilizou dados de 24 informantes, sendo 12 de Tubarão e 12 de São Borja, considerando as variáveis idade (A e B), sexo (F e M) e escolaridade (PRI, GIN, COL). Os grupos de fatores linguísticos analisados nesse seu estudo foram: posição elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, processo morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens, e graus dos substantivos e adjetivos. Os fatores extralinguísticos, por sua vez, foram estes: idade, nível de escolaridade, sexo e cidade.

Com relação ao cruzamento de posição linear com classe gramatical, Andrade conclui que a primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca, em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de marca formal de plural no SN. Contudo, Andrade aponta

uma exceção que contraria sua hipótese, bem como resultados de estudos anteriores: —quando a segunda posição é ocupada por artigos e demonstrativos, esta irá favorecer mais a aplicação da regra que a primeira posição ocupada por esta mesma classe gramatical (2003, p. 107), ressaltando que isso só ocorre com essa classe gramatical.

Os substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra do que os próprios determinantes na primeira posição, já os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição. Quanto à variável saliência fônica, a autora considera que essa foi bastante relevante nesse estudo, uma vez que alguns plurais irregulares favoreceram mais a aplicação da regra que os plurais regulares.

Já quanto à variável marcas precedentes, Andrade corrobora sua hipótese e as de trabalhos anteriores, ao constatar que marcas levam a marcas e zeros levam a zero, ressaltando que mais marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta. De acordo com os resultados do grupo de fatores relação com o núcleo, comprova que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN são muito marcados. Em contrapartida, os elementos pospostos são pouco marcados. O grau do substantivo, os aumentativos e os diminutivos, por terem um traço informal, são menos marcados do que o grau normal. Em relação à classe gramatical os substantivos quando aparecem na primeira posição do SN, possuem PR maior que os determinantes na primeira posição, ao contrário da classe dos adjetivos, que desfavorece a aplicação da regra. A tonicidade dos itens, assim como a análise da posição dos itens no SN, separadamente, não foram relevantes para esse estudo.

De acordo com Andrade, a variável extralinguística escolaridade foi bastante significativa nesse estudo, concluindo que a presença [s] é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Quanto à variável sexo, as mulheres marcaram mais o plural do que os homens, na cidade de Tubarão (SC); já em São Borja (RS), as mulheres e os homens o marcaram igualmente. O grupo de fatores idade não foi relevante, nesse estudo.

Com base nos resultados, ela demonstra que, corroborando os trabalhos de Scherre (1988) e de Fernandes (1996), os condicionamentos da aplicação da regra de concordância de número, de acordo com a norma padrão, pouco diferem nas cidades estudadas, sendo, de certa forma, uniformes, no Português do Brasil.

Wagner (2004), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996 e ANDRADE, 2003) e utilizando três amostras de textos: 1) textos orais informais; 2) textos orais formais; 3) textos escritos de informantes de etnia cabocla de Caçador (SC), faz uma análise do comportamento da concordância nominal de número nesse município. As variáveis linguísticas controladas nesse estudo foram: posição linear, classe gramatical, relação com o núcleo, saliência fônica e tonicidade dos itens; e, as extralinguísticas: sexo, idade, escolaridade.

Para essa autora, a variável relação com o núcleo, em todos os textos, a classe não-nuclear na primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção do morfema de número, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de aplicação da regra no SN. A autora ressalta que 88% dos falantes idosos usam os SNs de modo *‘econômico’*; ou seja, no máximo dois elementos e com aplicação da regra apenas no primeiro deles.

---

2 Projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul (UFSC); e, os dados de Tubarão (SC), PROCOTEXTOS/AMUREL - Projeto de Coleta de Texto de Informantes da AMUREL.

Quanto ao fator *‘classe nuclear 2ª posição’*, os resultados das amostras dos textos espontâneos e escritos não foram relevantes, concluindo a pesquisadora que o formalismo escolar não influenciou no percentual dessas amostras, sendo mais marcado em textos não-espontâneos (63%). Relativamente à variável *saliência fônica*, de acordo com os resultados, os plurais regulares favorecem mais a aplicação da regra do que os plurais irregulares, havendo uma aproximação dos resultados entre os textos orais espontâneos e escritos. A autora observa, ainda, que a aplicação da regra em textos orais não-espontâneos (69%) contraria sua hipótese, uma vez que ela esperava que, devido ao grau de escolaridade, isso não ocorresse.

Com relação à variável *classe gramatical*, a autora verifica que, nos sintagmas, houve maior presença de morfema de número nos artigos e demonstrativos indefinidos, concluindo que isso acontece por ocuparem a primeira posição no SN. O substantivo desfavorece a aplicação da regra da variável. Dessa forma, conclui que tanto os substantivos quanto a categoria substantivada têm menos morfemas de número que os determinantes, por aparecerem com mais frequência nas segundas e terceiras posições.

Quanto à variável *sexo*, de acordo com os resultados, a autora conclui que a aplicação da regra não se mostrou significativa, contrariando sua hipótese de que as mulheres marcariam mais, por serem mais sensíveis às formas linguísticas de prestígio. O controle da variável *escolaridade*, nesse estudo, entre os idosos, não se mostrou significativo, ressaltando-se que os informantes de textos orais não-espontâneos mostraram que, mesmo tendo pós-graduação, utilizam-se de um percentual significativo de apagamento de morfema de número nos SNs analisados. Quanto à variável *idade*, a Wagner afirma que, ao confrontarem-se os dados dos informantes de textos espontâneos e escritos, verifica-se que não há diferença relativa no percentual, porque o mais novo utiliza-se 21% de não-aplicação da regra e, o mais velho, de 0%, o que corrobora estudos anteriores; ou seja, atesta que a distribuição etária, considerando-se todos os falantes, continua a se mostrar levemente curvilínea.

Enfim, Wagner, ao descrever e analisar textos orais de informantes da etnia cabocla da região de Caçador, Santa Catarina, e ao testar as hipóteses de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), confirma a sua hipótese de que o meio social influencia a língua materna e reafirma o que as demais pesquisadoras da área afirmam: a posição linear é um fator muito importante para a concordância nominal: os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à aplicação da regra e o posposto ao núcleo do SN apresenta menor retenção de número.

Concluimos que, diante do registro dos trabalhos apresentados acima, é possível observar que o fenômeno da variação de concordância de número no PB não está restrito a uma região específica. Apesar de considerarem os mesmos fatores linguísticos; ou seja – posição linear, classe gramatical e marcas precedentes –, esses estudos apresentam conclusões diversas. Assim, para melhor compreensão dos fatos que representam inovação no Português do Brasil, é de suma importância o estudo dessa variação na fala de membros de comunidades além das já pesquisadas.

## **2.1. Os resultados quantitativos do trabalho realizado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais**

Assumindo que a regra de concordância nominal no PB é variável, este estudo analisa a variação no uso da concordância nominal no PB, utilizando dados da fala de moradores de Pedro Leopoldo/MG e a partir da seguinte hipótese: a ACN entre os elementos do sintagma nominal (SN) é altamente frequente na fala dos moradores dessa comunidade e condicionada por fatores estruturais e não-estruturais. Assim, os dados foram analisados qualitativamente, a partir de uma análise quantitativa, na qual foram considerados estes nove grupos de fatores:

1. Elemento nuclear do SN: posição (primeira, segunda, terceira)
2. Elemento nuclear do SN: classe gramatical (substantivo, não-substantivo)
3. Elemento não-nuclear do SN: posição (primeira, segunda, terceira)
4. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical (adjetivo, artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador, indefinido)
5. Elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural
6. Faixa etária:
7. Sexo:
8. Escolaridade:
9. Grupo social dos informantes: C (baixo), B (médio), A (alto)

Nas entrevistas realizadas com os 27 (vinte e sete) informantes, foram computados 1.297 SNs, nos quais, a presença de flexão de plural no núcleo aponta para a possibilidade de ocorrência de flexão no(s) não-núcleo(s). Teoricamente, em todos esses 1.297 casos, poderiam estar presentes dois elementos não-nucleares; ou seja, o SN poderia ser, assim, estruturado:

- núcleo na primeira posição, não núcleo na segunda e terceira posições
- núcleo na segunda posição, não núcleo na primeira e terceira posições
- núcleo na terceira posição, não núcleo na primeira e segunda posições

E, dos 1.297 SNs encontrados nas entrevistas, 164 apresentam as três posições acima mencionadas, conforme ilustram os exemplos, a seguir:

- (1) *até os menino marginal, tia ...*(INF.01MARIFJSA)
- (2) *os políticos honestos ....* (INF.09CLEAFISA)

Em vista disso, a análise quantitativa dos dados considerou o total de 1.461 *tokens*. Essa análise, realizada com a utilização do Programa VARBRUL, focalizou, inicialmente, a variável dependente constituída por estas duas variantes:

- Ausência de concordância nominal (casos sem a flexão em, pelo menos, um elemento do SN) – codificada como **0**;
- Presença de concordância nominal (casos com marca de flexão em todos os elementos do SN) – codificada como **1**.

Numa primeira etapa, atentamos para o comportamento dessa variável com o objetivo de verificar a influência, ou não, dos cinco grupos de fatores estruturais estabelecidos; numa segunda etapa, observamos a atuação dos grupos de fatores não-estruturais (sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social) sobre o comportamento dessa variável. Os resultados quantitativos em relação à influência de cada fator, em termos de Peso Relativo (PR), serão interpretados de acordo com esta correspondência:

PR = .50 = fator neutro

PR < .50 = fator que desfavorece a ausência de concordância

PR > .50 = fator que favorece a ausência de concordância

O nosso grande objetivo era fazer uma análise da variável linguística constituída da ausência e a presença de concordância entre os elementos do SN na fala dos moradores de Pedro Leopoldo, tomando por base os dados colhidos em entrevistas espontâneas. Aqui, apresentamos, resumidamente, os resultados da análise, buscando destacar aqueles fatores que favorecem (ou não) a ACN, considerada como uma variante linguística.

Das entrevistas que fizemos com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados, que, após serem analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa por meio do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ACN ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados analisados), confirmando, dessa forma, a hipótese que norteia esse trabalho.



O trabalho de Scherre (1996) nos orientou quanto à expectativa de testar os grupos de fatores linguísticos posição no SN e classe gramatical do elemento nuclear e não-nucleares. De acordo com os nossos resultados:

1) na primeira rodada, com todos os grupos de fatores inicialmente considerados, o grupo de fatores posição no SN tanto nuclear quanto não-nucleares bem como o grupos de fatores classe gramatical do elemento nuclear são descartados; ou seja, apresentam resultados em PR insignificantes.

2) o grupo de fatores classe gramatical não-nuclear é o que mais favorece a ACN no interior do SN. Também em nossos dados, o pronome demonstrativo constitui, aparentemente, o fator que mais favorece a ACN (.74), seguido dos fatores constituídos pelo pronome possessivo (.59), pelo artigo (.57), já o numeral (.48) apresenta um resultado quase neutro, e o pronome indefinido (.42) desfavorece; os adjetivos, por sua vez, são altamente desfavorecedores à ACN (.07);

3) a variável presença e ausência de flexão de plural nos elementos não-nucleares é apontada, pelo VARBRUL, como favorecedora da ACN (nos casos de ACN, a ausência de marca de flexão de plural em tais elementos é categórica (100%; PR = 1.00); já os elementos não-nucleares contendo a flexão de plural figuram, em 50% dos casos, entre os SNs computados como exibindo ACN, sendo associados ao PR = .43.

Porém, esses resultados nos causaram estranheza, uma vez que, em estudos anteriores, (POLPLACK, 1980a; SCHERRE, 1988; CARVALHO, 1997) os determinantes aparecem como desfavorecedores da ACN e os adjetivos como favorecedores. Então, levantamos a seguinte hipótese: como podem os determinantes ser apontados como favorecedores da ACN, se esses apresentam marca de flexão de plural na maioria dos casos, e, por outro lado, como podem os adjetivos se mostrar desfavorecedores da ACN, se esses, quando ocupam a terceira posição, apresentam índice considerável de ausência de marca de flexão de plural?

A partir desse questionamento e seguindo Scherre (1996), procedemos ao cruzamento das variáveis posição linear e classe gramatical do núcleo e do não-núcleo, dos 1.461 dados, procurando entender o porquê desse resultado contrário aos estudos anteriores e ao que esperávamos obter.

Desse procedimento, concluímos que: quando analisamos o SN como um todo – ou seja, ausência e presença de concordância nominal –, os resultados obtidos não deixam claro qual o fator linguístico, considerado neste estudo, que mais favorece a concordância nominal. Assim, verificamos que o que realmente acontece é que a frequência de ocorrências, nos casos de ACN, é altamente favorecida pelos determinantes: demonstrativos, possessivos, artigos, numeral e indefinido, e é altamente desfavorecida pelo adjetivo, independentemente de presença de marca de flexão de plural ou não.

Com o intuito de verificar qual classe gramatical e qual posição apresentava maior número de presença de marca de flexão de plural no elemento, partimos para o seguinte procedimento: 1) retiramos todos os 702 (setecentos e dois) casos de presença de concordância nominal, pois, todos esses têm marca de flexão de plural em todos os seus elementos; 2) analisamos apenas os 759 (setecentos e cinquenta e nove) casos que continham ausência de flexão de plural em um ou mais de seus elementos; analisando esses dados por meio do cruzamento dos grupos de fatores posição no SN e classe gramatical do elemento nuclear e não-nuclear; e 3) desses dados, analisamos, também, a influência dos elementos não-nucleares antepostos e pospostos em relação ao núcleo.

Do procedimento de cruzamento entre as variáveis citadas acima, concluímos que: a primeira posição é ocupada, principalmente, pelos determinantes; os substantivos também ocorrem nessa posição; porém, com um índice muito baixo de ocorrências, da mesma forma os adjetivos, que pouco ocorrem nessa posição; porém, todos os elementos, tanto nucleares quanto não-nucleares, quando ocupam essa posição, apresentam um índice altíssimo de

presença de marca de flexão de plural; ou seja, 100% dos casos. A segunda posição é ocupada, principalmente, pelos substantivos, e esses apresentam um alto índice de ausência de flexão plural. Os adjetivos, nessa posição, apresentam um comportamento idêntico ao substantivo, ou seja, um alto índice de ausência de marca de flexão de plural. Os determinantes, por sua vez, não ocorrem muito nessa posição; porém, os poucos que ocorrem apresentam um comportamento diferente do substantivo e do adjetivo, o índice de ausência de flexão de plural em seus elementos é baixo. A terceira posição, ocupada tanto por elementos nucleares quanto por elementos não-nucleares, principalmente pelos adjetivos (os determinantes ocorrem nessa posição apenas em seis casos), apresenta um alto índice de ausência de flexão de plural: 91%.

Quanto à influência dos elementos não-nucleares antepostos e os pospostos em relação ao núcleo, concluímos que: todos os elementos antepostos ao núcleo, independentemente da posição que ocupam no SN, favorecem a presença de marca de flexão de plural nesse elemento. Por sua vez, os elementos pospostos ao núcleo, independentemente da posição que ocupam no SN, favorecem a ausência de marca de flexão de plural nesse elemento.

Enfim, com relação às variáveis linguísticas, pelos dados analisados e pelas comparações estabelecidas com outras pesquisas, percebemos que não há apenas uma tendência forte em direção a garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, como também uma redução significativa das flexões nominais nos demais elementos. Isso decorre, como já vimos, do fato de que uma única marca de flexão de plural é suficiente, tanto para o informante garantir a informação de pluralidade em sua mensagem, quanto para o interlocutor compreender o enunciado.

Em relação aos fatores extralinguísticos, todos, com exceção do grupo faixa etária, mostram-se relevantes para a explicação da ACN nos dados aqui analisados. Com base nos nossos resultados, podemos concluir que: o grupo de fatores sexo, o fator masculino favorece altamente (.66) a ACN, e o fator feminino a desfavorece (.44), contrariando a nossa hipótese de que as mulheres não são tão sensíveis à forma linguística padrão e corroborando o que defendem Labov (1983) e Paiva (1992) (a sensibilidade das mulheres diante da forma linguística padrão). Diante desse resultado, levantamos a hipótese de que as mulheres (jovens), devido ao ambiente social, poderiam usar mais a variável não-padrão (ACN) do que os homens (jovens). Porém, essa hipótese também não se confirma, porque tanto as mulheres (jovens) quanto os homens (jovens) a usam na mesma proporção, com uma pequena diferença entre as mulheres adultas (11%) e as mulheres idosas, de 12% a mais.

Quanto ao grupo de fatores nível de escolaridade, apontado pelo programa como favorecedor da ACN, os resultados desse grupo demonstram que os falantes com o nível de escolaridade fundamental (completo ou não) apresentaram PR de .70, seguidos, imediatamente, dos falantes com o nível de escolaridade médio (completo ou não) (.66), que empregam mais frequentemente a ausência de concordância nominal do que os falantes do nível de escolaridade superior (completos ou não) (.26), corroborando nossa hipótese de que o nível de escolaridade exerce influência na preferência pela ACN. Não esperávamos, todavia, que os falantes com o nível de escolaridade médio apresentassem um resultado tão alto de preferência por essa variante. Diante disso, procedemos ao cruzamento das variáveis faixa etária e nível de escolaridade, com o objetivo de verificar se essas variáveis podem estar influenciando nos resultados. Assim, concluímos que os adultos e os idosos com nível de escolaridade superior se preocupam mais em empregar a forma linguística padrão do que os jovens com esse nível de escolaridade. Já os resultados dos falantes com nível de escolaridade médio, comparados com a faixa etária, se equivalem; ou seja, tanto os jovens quanto os adultos e idosos apresentam preferência pela ACN (65%). Quanto aos falantes com nível de escolaridade fundamental, os resultados apontam para uma preferência altíssima em favor da

ACN, sendo que os idosos a usam com mais frequência (91%), os adultos, com PR de 71% e, os jovens, de 65%.

O grupo de fatores grupo social apresenta resultados surpreendentes; a princípio, nossa hipótese de que a ACN é mais presente entre os falantes do grupo social baixo (C) se confirma, com um resultado em PR de .67. Contudo, os resultados apontados pelos grupos social médio .34 e alto .45 não são o que esperávamos, pois deveriam apresentar-se na seguinte ordem decrescente C>B>A, e o que acontece é o seguinte C>A>B. Diante disso, procedemos ao cruzamento entre o grupo de fatores grupo social e nível de escolaridade, e, com isso, verificamos que os resultados, em percentuais, apresentados pelo grupo de fatores social alto e médio em relação ao nível de escolaridade superior se equivalem; porém, os resultados percentuais desses dois grupos sociais, quando comparados com os resultados de falantes do nível de escolaridade fundamental, apresentam uma diferença altíssima: o primeiro, com 80%, e, o segundo, com 33%, apontando, dessa forma, para uma possível causa dessa mudança na ordem decrescente esperada, de C>B>A para C>A>B.

### **Conclusão**

Os resultados quantitativos nos permitiram concluir que a variável em estudo não representa um caso de mudança em progresso, mas, caracteriza-se como um caso de variável estável – isso significa que a segunda hipótese, (o uso dessa variável no Português falado em Pedro Leopoldo, é uma variável que se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de LABOV (1972)) foi refutada, confirmando, dessa forma, as conclusões dos estudos anteriores de que, no PB, a variação na concordância nominal está definitivamente internalizada na mente dos falantes.

Entendemos que o estudo linguístico na zona urbana, não só em Minas Gerais, como em todo o País, é de grande relevância no âmbito da Sociolinguística. Com esse estudo, evidenciamos que o fenômeno de variação na concordância nominal de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira. Esperamos que o nosso trabalho venha a contribuir, de alguma forma, para o avanço dos estudos sociolinguísticos neste País.

### **ABSTRACT:**

This study presents results of previous studies, as well as our work in the city of Pedro Leopoldo/MG, about the nominal agreement in Portuguese spoken in different regions of Brazil, recorded in studies of Braga (1977), Scherre (1986 and 1998); Carvalho (1997); Andrade (2003) and Wagner (2004). These studies are based on theoretical assumptions of methodological Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, Weinreich, HERZOG, 1968; Labov, 1972. 1994).

Keywords: sociolinguistics; nominal agreement; variation, linguistic change.

### **REFERÊNCIAS**

AMARAL, A.. *O dialeto caipira*. 3. ed.. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina USSC, Tubarão, 2003.

BRAGA, M. L.. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.

\_\_\_\_\_, M. L. & SCHERRE, M. M. P. (1976) A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976, Rio de Janeiro, PUC. P. 464-477.

BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CARVALHO, R. C.. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F.. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GONÇALVES, V. F.. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce - MG*. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2007.

LABOV, W.. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1978. 104

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

MIRANDA, L.S. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo/MG: uma abordagem variacionista*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG – Belo Horizonte – 112 páginas.

NICOLAU, E. M. das D.. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolingüística*. 1984. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 1984.

SCHERRE, M. M. P.. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. A concordância de número nos predicativos e nos participípios passivos. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. Dez. de 1994. 106

\_\_\_\_\_. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p.41-62, 1996. Tempo Brasileiro.

\_\_\_\_\_. A norma do imperativo e o imperativo da norma – uma reflexão sociolingüística sobre o conceito do erro. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. [Org] São Paulo, SP: Loyola, 2002.

SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, no prelo, 1998. (Série Universidade)

WAGNER, N. F.. *Concordância nominal na Região Sul*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y.. (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.